

DOMINGO, 23 DE AGOSTO DE 1925

As deportações foram feitas pelo governo Vitorino Guimarães no firme propósito de condenar à morte, sem julgamento, algumas dezenas de operários. O mortífero clima da Guiné—o carrasco—já procedeu a três execuções. Preguntamos ao actual governo se consente na continuação da mortandade.

A acção operária

Tem-se, nos últimos tempos, urdido à volta das classes trabalhadoras uma teia tendente a captar-lhes o espírito socrático de que estão em parte possuídas no que diz respeito às regalias a que têm jús, no sentido de se deixarem arrastar à luta política e legal pela eleição de representantes seus ao Parlamento. Afirma-se já que tanto ou mais benéfica será para os trabalhadores a acção parlamentar como a pressão exercida pela acção directa das massas organizadas. Essa afirmação é tanto mais pecaminosa quanto é certo que ela é proferida por alguns indivíduos que, dizendo-se fervorosos defensores da «unidade sindical», outra coisa não procuram senão o conseguirem a dispersão das fileiras sindicais para que a tal massa socrática se canalise para a boca das urnas.

O operariado, porém, não pode nem deve esquecer as lições dos factos. Os portões parlamentares têm-se aberto já para dar passagem a criaturas que fogosamente se afirmam defensoras dos direitos dos oprimidos e que, uma vez lá, não resistiram à absorção do meio ambiente, passando a colaborar naquela farça legislativa e opressora, sendo, pelo menos, cúmplices pelo silêncio da postergação desses mesmos direitos.

Não. Decididamente outra deverá ser a orientação das classes proletárias. Há que opor à nossa engrenagem sindical à engrenagem política-burguesa. Órgão contra-órgão. Contra as juntas, administrações, partidos, câmaras municipais e parlamentares, o operariado deve robustecer-se para opor a sua organização social sindicalista, muito perfeita, descentralizada e federalista, de modo a que os corpos centrais não sejam mais do que o receptáculo da vontade, dos interesses e dos desejos das massas agrupadas. Esse agrupamento deve efectuar-se a partir dos locais de produção, constituindo os comités ou delegacias de especialidades que, por sua vez, formarão os conselhos de fábrica que activarão a vida dos sindicatos respectivos e os levarão a constituírem fortes federações de indústria, ao mesmo tempo que por comissões de rua, bairro, etc., se constituirão as câmaras sindicais, conjugando-se todos estes esforços dentro da Confederação Geral do Trabalho, onde, a par da defesa imediata, na qualidade de produtor-consumidor, cada operário terá ainda garantida a organização ideal que lhe permitirá emancipar-se da tutela de todos os bons e maus políticos, quer eles formem na direita ou na esquerda, quer sejam brancos, amarelos ou vermelhos, posto que no fundo se equivalem.

Isto, porque, afinal, o nosso caminho é para a frente.

LEIAM AMANHÃ O SUPLEMENTO SEMANAL DE A BATALHA SUMÁRIO:

A evolução do homem — com gravuras.
O culto da Beleza e o Povo.
O Povo e a literatura — por Nogueira de Brito.
A campanha anti-militarista deve intensificar-se — por Francisco Quintal.
Crónica Internacional.
Ecos da Semana — por F. de C.
A instrução popular.
A guerra?
O apóstolo da sensibilidade — por David de Carvalho.
A situação é revolucionária — por Sebastião Faure.
O que todos devem saber — com gravuras.
Chico, Zecas & C. — com gravuras.

NA SÍRIA

PARIS, 22.—O general Sarrail comunicou que os árabes libertaram 75 prisioneiros franceses.

Os deportados sobreviventes encontram-se numa situação desesperada

Atacados pelas febres uns jazem no interior, outros em Bolama, aguardando a morte

A Batalha recebeu ontem outra carta da Guiné, repetindo as dolorosas notícias que já publicámos e que tanto alarme causaram no meio operário.

Nessa carta fala-se da inelutabilidade do clima onde um europeu dificilmente consegue viver, tendo medicamentos e rápidos socorros ao seu alcance. Imagine-se, porém, os deportados que são tratados com desprezo e para quem não há os cuidados que para outras criaturas existem!

Mas vejamos algumas passagens da referida carta que têm expressões verdadeiramente tocantes e para as quais chamamos a atenção do proletariado:

Joaquim António Pereira está muito mal, em Inyrei; Fausto Teixeira também está muito doente, em Bafad; Alvaro Damas, em Biné, também está bastante doente; Mario Gonçalves, chegado de Menique, onde estava com outros, veio há dias para o hospital Civil e Militar de Bolama, em estado gravíssimo! Perden a fala, não vê, não ouve...

José Gomes Pereira, em Bolama, está com febre há mais de oito dias, tendo sido já vítima dum ataque que o prostrou, ataques precedidos de sintomas esquisitos, para os quais os próprios médicos não encontram explicação.

Rodolfo Marques da Costa também está com febre há quatro dias.

Estas notícias são alarmantes para as famílias não podemos deixar de torná-las públicas para elucidar o povo operário e para que este governo meça bem e repare quanto antes as consequências funestas do crime praticado pelo governo Vitorino Guimarães.

Escolheu-se aquela colónia mortífera para residência dos deportados com o propósito firme de assassiná-los. Estamos em presença dum crime de homicídio premeditado!

Eu queria ter saúde e escrever-vos muito, dizer-vos o que fosse capaz de dizer sobre

OS EMPREGADOS BANCÁRIOS FRANCESES EM GREVE

Após uma pequena trégua os grevistas bancários reiniciaram-se no dia 18 em vários «meetings» organizados nas salas da Bolsa de Trabalho.

Os locais do prédio municipal—que por sinal são bastante numerosos—foram insuficientes para conter os quinze ou vinte mil empregados de ambos os sexos que iam manifestar a sua vontade de prosseguirem na luta.

Os grevistas, em consequência das reuniões dos estabelecimentos, foram convidados a darem o seu voto a uma ordem do dia apresentada pelo Comité Central.

Este documento não aceita o argumento da impossibilidade de material oposto às reivindicações do pessoal dos estabelecimentos de crédito e declara que se podem obter receitas aplicando os seguintes meios: compressão de ordenados e de gratificações ao pessoal gerente; declaração dos benefícios, «esquecidos» na escrita e que representam somas importantíssimas.

Greve de solidariedade em Paris

PARIS, 22.—Foi proclamada a greve por 24 horas em Paris, por solidariedade com os grevistas bancários, que regeitaram, porém, este auxílio.

Os bancos assinalam o regresso ao trabalho, diariamente, dum certo número de grevistas.

Uma greve que alastra

SYDNEY, 22.—O movimento grevista dos marítimos é fomentado por agentes bolchevistas, tendo-se estendido a vários portos australianos, e afectando mais de 50 navios.

Os grevistas regeitam o acordo sobre salários realizado entre patrões e trabalhadores, pelo qual eram reduzidos de 5 shillings por semana.

Os armadores britânicos telegrafaram ao sr. Bruce, primeiro ministro, pedindo-lhe providências para evitar os maneios dos agitadores.

A CHINA REBELDE

PEQUIM, 22.—Chegará a Valga 800 oficiais russos, que vão organizar o exército do general Feng-You-Sang.

Um missionário italiano assassinado

PEQUIM, 22.—Os rebeldes chineses massacraram o missionário italiano Bianchi.

O respectivo ministro protestou energicamente junto do ministério dos Negócios Estrangeiros, exigindo as mais completas satisfações e o castigo dos assassinos.

50.000 operários que regressam ao trabalho

XANGAI, 22.—Cincoenta mil operários das fábricas japonesas de algodão deste distrito regressaram ao trabalho.

os horrores da Guiné. Mas a fraqueza de que me sinto possuído há muitos dias, e agora as febres, impossibilitam-me de o fazer.

Imaginar disto, o pior, que não tereis desmentida—infelizmente!—a vossa expectativa?

Se estes homens tivessem sido julgados em tribunais regulares e condenados a tão brutal degrado, expiando assim, segundo a moral burguesa, o delito cometido, a descrição de tantos sofrimentos revoltar-nos-ia e embora discordemos de tão pesados castigos, a ideia dum crime provado e cometido pelos que tanto sofriram retirar-nos-ia, até certo ponto, a autoridade moral para protestar.

Mas, neste caso, os deportados não foram julgados ainda; as suas responsabilidades nos crimes de que os acusam, se as têm, não foram medidas, não sabemos sequer quais das vítimas têm culpas, se as têm.

Quem sabe se Manuel Tavares, João Nunes «Carreira» e Manuel Duarte Pereira, os que lá faleceram já, não estariam inocentes?

Responda-nos o governo com segurança, com dados jurídicos, com a condenação dos tribunais: estão culpados os homens que estão morrendo na Guiné?

E já que vem a talhe de foice, responda-nos ainda o ministro do Interior, com as provas bastantes e competentes se Diamantino da Anunciação e Domingos Pereira, que a polícia assassinou, eram culpados ou inocentes.

Responda-nos, sr. ministro! Mal vai à república o uso e abuso destes processos bárbaros. A continuar assim não haverá dentro em pouco em Portugal uma só criatura honesta que tenha a coragem de afirmar-se republicana.

Para remate, reproduzimos o fecho da carta do deportado que nos informa:

Adens! Lembrai-vos sempre daqueles que continuam a viver o ideal, embora com os olhos fitos na morte quase certa...

A FALÊNCIA DE STINNES

Um «consortium» americano parece salvar a firma

BERLIM, 22.—Os credores de Stinnes, reunidos em assembleia geral, deliberaram manter as fábricas abertas, e nomear um conselho director das mesmas.

Dá-se como provável que um consórcio americano adquira grande número de acções de Stinnes.

Foi comprado o órgão de Stinnes na imprensa

BERLIM, 22.—Um «consortium» comprou por três milhões de marcos a «Gazette Generale d'Allemagne», órgão de Stinnes, que continuará seguindo a mesma política.

Um atentado

contra o governador da Martinica

PARIS, 22.—Um telegrama de Fort-de-France, informa que o governador de Martinica, sr. Richard, foi vítima dum atentado, quando embarcava para França em gó de licença.

O sr. Richard foi atingido por 4 tiros, um dos quais lhe atravessou a base dum pulmão, sendo o seu estado bastante grave. O autor do atentado foi o filho dum conselheiro geral morto no decurso dos incidentes eleitorais de Maio último.

Um congresso de paz

feito pelas que mantêm a guerra

PARIS, 22.—No dia 2 do próximo mês de Setembro, inicia os seus trabalhos em Paris, o 24.º congresso mundial de paz.

A Inglaterra e a Alemanha anunciam o envio de grandes delegações.

O Congresso Socialista Internacional

MARSELHA, 22.—O congresso socialista internacional, iniciou hoje os seus trabalhos, em cujo programa se encontram os problemas de desarmamento e das colónias e as relações com a terceira internacional e a Sociedade das Nações.

O comité executivo decidiu transferir para a Suíça o secretariado geral do congresso, para o próximo período.

Adier, que apresentará a demissão, continua sendo o secretário internacional.

Raid Aéreo Roma-Buenos Aires

New York-Roma

O governo italiano comunicou ao governo português, que o avião civil italiano, tipo S-55 pilotado pelo conde Eugénio Casagrande di Villaviera, deputado, que empreendeu a viagem aérea de Roma a Buenos Aires-New York e regresso, pedindo autorização para que o referido avião possa fazer escala por Lisboa e pelos Açores (ilhas das Flores e S. Miguel).

Notas & Comentários

Obras utilíssimas...

Na esquadra de Alcântara fizeram-se ultimamente, como se sabe, importantes obras. Houve jornais que se registaram com o facto, visto que Lisboa ficava contando com mais um elemento de progresso que nos impõe, como povo civilizado, aos olhos do estrangeiro. Escreve-nos, porém, um leitor, justamente alarmado, perguntando para que servirão os subterrâneos, que ali construíram. Dada a maneira vagadiceiramente gentil como a polícia vem tratando os presos que lhe caem nas unhas, é natural que esses subterrâneos constituam mais uma surpresa gentil que a polícia queira fazer às pessoas que tenham a sorte de passar pela esquadra remodelada...

Burguesia humanitária

Escreve-nos pessoa que se oculta sob as iniciais modestas de A. R. e que se declara trabalhador numa profissão liberal, chamando-nos a atenção para um caso degradante para a espécie humana, ao qual por várias vezes nos temos referido: homens andando a puxar carroças, como se fossem animais. O sr. A. R. relata-nos que viu anteontem no Dafundo o operário António Borges, ao serviço da Parceria Vinícola do Norte, Ltd., puxando uma carroça carregada com 90 botijas de vinho verde. Já fizera o trajeto da rua da Conceição da Glória, sede da Parceria, até ao Dafundo. Tudo aquilo debaixo dum calor de rachar pedras.

Sabendo-se que esse operário ganha apenas 12500 diários por tal serviço, fica-se pensando que realmente a classe capitalista é muito humanitária...

A carestia na Alemanha

Um telegrama de Berlim diz-nos que a carestia da vida está insuportável na Alemanha. Já o sabemos. Atribue-se aos excessivos lucros do comércio a principal causa dessa carestia. E sabem os leitores como o patronato pretende remediar a situação difícil que a Alemanha atravessa? Recusando aos trabalhadores os aumentos de salário reclamados. É interessante o critério. Os patrões provocam a carestia com os seus lucros exagerados e os operários e os seus punidos pelos lucros que os outros arrecadam.

Compreende-se agora que ainda há pouco só em Berlim se tivessem registado cinco suicídios e seis tentativas... Eram patrões que não podiam viver, coitados...

A guerra de Marrocos

A esquadra franco-espanhola bloqueia a costa marroquina

PARIS, 22.—Segundo informações colhidas nos círculos oficiais, 16 navios de guerra franceses e 18 espanhóis estão efectuando o bloqueio da costa rifenha, a fim de evitar o contrabando de armas.

Quatro torpedeiros ingleses guardam a zona internacional de Tanger.

Primo de Rivera faz sempre declarações sensacionais...

MADRID, 22.—O general Primo de Rivera declarou que depois da última entrevista realizada com o marechal Petain considera o acordo franco-espanhol absolutamente completo.

Pétain chegou

CASABLANCA, 22.—Chegou o marechal Petain.

De Fez são sempre boas as notícias

FEZ, 22.—Em toda a linha de batalha a situação é nitidamente favorável.

Na região Ouezzan um grupo ligeiro patrulhou sem dificuldade até oito quilómetros a oeste do litoral, no centro da estrada Tazza-Taounat, ainda há pouco absolutamente impraticável.

O sultão amigo dos franceses

RABAT, 22.—O marechal Lyauté expôs ao Sultão o êxito das recentes ofensivas francesas.

O Sultão declarou-se particularmente satisfeito com a submissão dos tsouls.

Os rifenhos concentram tropas

TANGER, 23.—Os chefes indígena convocados para Adjir regressaram às suas tribus.

Contingentes de rifenhos chegaram a Xeuão e Cuedlai, cujas posições foram fortemente atacadas na previsão dum próximo ataque.

Os rifenhos fazem um ataque

MADRID, 22.—Dizem de Marrocos que os rifenhos atacaram a linha de Alhucemas, na baía do mesmo nome com fogo de infantaria, metralhadoras e artilharia, tendo causado 20 baixas.

Para a baía foram enviados vários navios de guerra, a fim de defenderem a ilha de futuro ataques.

Abd-el-Krim dirige-se ao parlamento francês

PARIS, 22.—Abd-el-Krim enviou uma carta ao parlamento francês reclamando o reconhecimento dos direitos de nacionalidade do Rif à sua completa independência, para o desenvolvimento dos recursos do país.

Em torno do conflito levantado pela Federação Marítima

O Secretariado Confederal de Propaganda responde, argumento a argumento, às razões aduzidas pelos orientadores da Federação

Não é demais repetir: Não é nosso intuito agravar uma situação que não provocamos. Felizmente que o nosso silêncio não deturpou no seu sentido, pelos inimigos e falsos amigos do operariado, por este tem sido bem compreendido.

E muito embora tenhamos sido rudemente atacados e atacados tenham sido os lógicos fundamentos e a coerente orientação da Confederação Geral do Trabalho, nós temos apenas contraposto argumentos sólidos aos pontos mais agressivos e tendentes a desmoralizar, lançados por alguns transviados. Achemos ingrata e ingloria a luta, o espaço e o tempo escasseiam-nos para o ataque ao inimigo comum em que estamos empenhados, mas não consentiremos — e isto é o trunfo — que alguém por ignorância ou má fé desature a pureza de princípios e entrave a marcha progressiva da organização operária.

Ainda neste intuito de fazer realçar a razão, opondo a verdade à calúnia, argumento a argumento, publicamos adiante a moção que, em nome da Federação Marítima, vem de ser enviada aos sindicatos marítimos, seguindo-se-lhe a circular respondida do Secretariado C. de Propaganda.

Considerando que a Federação dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais não resolveu cortar as relações com a C. G. T., mas simplesmente suspender as relações com o organismo central enquanto se não modificasse o ambiente sectário e dogmático, criado pelos seus actuais dirigentes;

Considerando que a suspensão das relações com a C. G. T. não implica corte de relações para com os organismos operários aos quais a Federação Marítima continua disposta a cumprir todos os deveres que lhe impõem a solidariedade e unidade operária que no órgão da C. G. T. tem sido negada quando não submetida ao seu dogmatismo ideológico;

Considerando que o motivo da suspensão de relações não se motiva no facto da discordância de opiniões dos delegados marítimos à C. G. T. mas sim na forma desprimorosa com eram tratados estes delegados pelos dirigentes da C. G. T. que lhes criavam um ambiente hostil, tornando imprópria a sua acção e colocando-os pelo dogmatismo e intolerância com que eram tratados e acolhidos os seus trabalhos, numa

Aos Sindicatos aderentes à C. G. T.

CAROS CAMARADAS:

O Secretariado de Propaganda Confederal, em nome da C. G. T., vem neste momento junto de vós, com o fim de esclarecer um documento que pela Federação Marítima vos deveria ser enviado.

Referimo-nos a uma moção, assinada por Salvador Lamego, com a data de 13 de Agosto e publicada no último número de O Marítimo.

Essa moção, caros camaradas, com todos os documentos que sobre as relações entre a Federação Marítima e a C. G. T. têm vindo a público daquela Federação, assenta num conjunto de argumentos que carecem de fundamento sério e honesto.

Nós só lamentamos que cada sindicato marítimo tenha de tomar decisões sem ouvir as razões que assistem à C. G. T. E na impossibilidade de a C. G. T. poder enviar delegados às assembleias de cada um dos sindicatos que tem a sua sede fora de Lisboa, resolveu enviar-vos esta circular que se destina a elucidar-vos, para que não fiquem encobertos os verdadeiros motivos que levaram a vossa Federação a suspender as relações com a C. G. T.

Procuraremos refutar essa moção considerando por considerando. No primeiro diz-se que a Federação não cortou mas simplesmente suspendeu as relações com a C. G. T. «enquanto não se modificou o ambiente sectário e dogmático criado pelos seus actuais dirigentes». Nem mesmo para suspender relações a Federação podia deliberar, sem que, com antecedência, cada um dos sindicatos fosse elucidado e nesse sentido desse a sua opinião. O «ambiente sectário e dogmático» consiste apenas nisto: em o Conselho Confederal manter a sua moral operária, a moral de toda a classe trabalhadora organizada e que está conforme com as resoluções dos Congressos Nacionais. Consiste em não aceitar desejos de delegados, que não têm em consideração os princípios sindicais, listas dos organismos que representam e se esforçam por impor à organização uma tendência de carácter político, que a maioria, a quasi totalidade da organização repudia por ser prejudicial aos trabalhadores. É este o «dogmatismo sectário» de que se fala naquela moção.

E' ainda respeitando a vontade dos trabalhadores confederados, da sua quasi totalidade que em A Batalha não se publicam, como se faz referência no segundo considerando, comunicados que defendam um critério ou fins que se convêm aos partidários da tendência política que tentou absorver a organização sindicalista portuguesa. Diremos ainda que não é suspendendo relações com a C. G. T. que se mantém a unidade operária, e é uma contradição palpável e algo escandalosa aos organismos sindicais e que, portanto, não confederados, enquanto que por outro se suspendem relações com a C. G. T., não tem fundamento a alegação que consta do 3.º considerando de que os delegados da F. M. eram tratados por forma desprimorosa. Nas assembleias dos sindicatos marítimos com sede em Lisboa essa atoarda tem sido desfeita e os representantes da F. M. que nessas assembleias têm tomado parte só tem conseguido colocar-se em situação realmente desprimorosa por não provarem aquela como nenhuma das suas alegações. Jámais aqueles delegados sentiram qualquer hostilidade quando se pronunciaram a favor dos interesses dos operários como trabalhadores.

Essa hostilidade só se manifestava quando pretendiam ou faziam cóp com aqueles que defendiam a tendência política, do partido que quiz apoderar-se da organização para os seus fins partidários. Esses delegados não podem provar que houvessem apresentado qualquer proposta pela qual se estorçassem por defender os objectivos que nos seriam os desejos e aspirações da sua Federação — salvo se os sindicatos marítimos deram à Federação uma orientação política partidária e tal resolução não é conhecida.

A C. G. T. mantém o respeito pela sua circular n.º 51 e que o 4.º considerando considera insidioso. Na documentação apresentada no Relatório pelos delegados à Federação faltam documentos, um pelo menos, desvirtua-se a significação de outros e afirma-se no mesmo Relatório ter sido aprovado um que transcreve e regeitado um outro, quando ambos foram regeitados, para que a C. G. T. conservasse a sua completa independência em face de todos os agrupamentos políticos.

E' bem possível que os delegados, conforme diz o 5.º considerando, não estejam filiados em organismos políticos.

Mas como são partidários da I. S. V., que está ligada a uma Internacional política, a

situação deprimente, tornando estéril o seu esforço em prol da organização operária e dos objectivos que nos seriam os desejos e aspirações desta Federação.

Considerando que é insidiosa e caluniosa a afirmação feita na circular n.º 51 do Comité Confederal, de se pretender «que pela C. G. T. fossem tomadas resoluções em benefício duma tendência política» visto pela documentação apresentada no anterior Conselho Federal pelos nossos delegados aquele organismo se prova exuberantemente que a sua acção estava absolutamente isenta de quaisquer intuídos políticos e que simplesmente colocavam todas as questões no campo restritamente sindical.

Considerando que qualquer destes delegados que na C. G. T. representam este organismo não têm qualquer filiação política, estando o seu passado de militantes a afirmar por uma forma insólita a sua isenção e os seus bons desejos de não só não servirem as aspirações sociais e económicas dos marítimos portugueses;

Considerando que, ainda que o congresso de Leixões tivesse afirmado os seus desejos de adesão à C. G. T., esta só foi «efectuada» mercê do esforço das comissões dirigentes da Federação Marítima e mais delegados do seu conselho Federal, alguns meses depois da realização daquele Congresso, sem sequer ter sido referendada pela maioria dos Sindicatos Marítimos, e sem que esta forma de proceder tivesse então merecido quaisquer reparos por parte da C. G. T.

Considerando que a parte referente aos presos na circular já citada, tem o propósito claramente revelado de jesuiticamente procurar pôr em sobressalto as famílias e os próprios camaradas presos, com o receio de perderem a solidariedade que actualmente disfrutam, a qual a Federação Marítima, como lhe compete, já chamou a si, tomando todos os encargos de forma a prodigalizar a assistência devida aos marítimos presos por questões sociais e suas famílias, resolução esta que prova a insensatez da alegação feita na referida circular.

O Conselho Federal resolve:

Manter a resolução já tomada de suspender as relações com a C. G. T. enviando cópia desta moção a todos os sindicatos marítimos para que a apreciem, discutam e votem, a fim de se poder provar a unanimidade de vistas duma esmagadora maioria das classes marítimas para com a equibada e digna decisão do Conselho Federal em resposta à insensata e injusta circular n.º 51 do Comité Confederal.

Lisboa, 13 de Agosto de 1925.—O relator.

A "senhora" Companhia das Lezírias poderia deixar de existir se os governos quisessem

Vamos ver, rapidamente, o que sucederia se amanhã aparecesse nas colunas do *Diário do Governo* uma lei assim concebida, por exemplo:

Art. 1.º — É dissolvida a Companhia das Lezírias do Tejo e Sado e os seus terrenos ficam pertença do Estado, que os pagará à Companhia pelo valor constante da matriz predial.

Art. 2.º — Os terrenos assim adquiridos serão divididos em glebas maiores ou menores para serem entregues aos habitantes da freguesia a que esses terrenos pertencem, segundo o número de pessoas de família a cargo do chefe de família.

Art. 3.º — Os detentores destes terrenos, pagando-lhes ao Estado num prazo de 10 anos em prestações trimestrais, semestrais ou anuais, e findo esse prazo receberão o título de posse definitiva dos mesmos terrenos.

Art. 4.º — Fica revogada a legislação em contrário.

Como se vê, a forma de acabar com a Companhia é simplíssima. É uma questão de conseguir um parlamento democrático, mas verdadeiramente democrático, e não da força do que acaba de expirar, cuja maioria tinha nas veias o autêntico sangue azul e branco.

É claro que, pelo caminho que a política leva, isto é um sonho, uma utopia; mas, por hipótese, concedamos que o não é.

Que sucederia em Samora Correia, no dia que tal se desse?

Havia de ser interessante: Duzentos ou trezentas famílias bemdizendo não sentiam qualquer necessidade de construir muitas casas, muitos barracões, muitos carros, muitas alfaias agrícolas, porque tudo isso, e em pequenissima escala, está hoje concentrado na mão de um só. O trabalho multiplicava-se. Hoje quem é que pode construir uma casa em Samora Correia?

Madeira: só a Companhia tem. Tinha e tinha a Companhia fabrica; artistas apenas há os das oficinas da Companhia, e terrenos, quem é que os possui senão a senhora companhia?

E amanhã, com a extinção do usurpador colosso, tudo se modificaria e Samora Correia havia de progredir.

Samora Correia é uma povoação enquistada nas extindas da Companhia das Lezírias e sustentando ainda o enorme parasita da *Samorensis, Lda.* Não é uma povoação livre; é um feudo como deveriam ter sido os do tempo de João II; e toda a sua actividade — dos filhos e não filhos de Samora — de todos quantos anseiam pelo bem estar e pela liberdade do povo, deve ser empregada na extinção do grande engordado que há mais de 100 anos vem engordando a sua numerosa família, à custa do sangue desta pobre gente que o oferece sem resistência, dizendo ainda aos tubarões que lho sugam.

Muito obrigado. Desculpe ser tão pouco!

Serra FRAZAO

N. R. — A doutrina da divisão da terra preconizada pelo nosso estimado colaborador não está em harmonia com as nossas ideias. A pequena propriedade, embora mais simpática do que a grande propriedade, gera entretanto egoísmos e desinteligências entre os homens, além de constituir o germe da grande propriedade. Preconizamos de preferência, como várias vezes temos afirmado, a socialização da terra, que será cultivada em comum, em largos tratos de terreno mais favoráveis ao desenvolvimento da agricultura, e sob a orientação técnica dos trabalhadores agrícolas manuais e intelectuais, agrupados em sindicatos ou comunas.

Esta nota visa apenas corrigir princípios e não desautorizar a bela campanha moralizadora que o nosso inteligente colaborador levanta, com o nosso apoio e geral aplauso das pessoas progressivas e generosas.

Com os empregados da Companhia havia de suceder outro tanto. Ficariam vivendo do que angariassem e sem a coleiça de ninguém; pois mais vale o pão duro da liberdade, que as melhores ignúrias servidas através dos ferros de um cárcere.

Ora, admitindo a nossa hipótese, e em cumprimento da lei que, a princípio, preconizamos, os terrenos da Companhia seriam divididos em glebas de diferentes tamanhos para serem adquiridos por toda a gente. E todos os que hoje não possuem, todos aqueles que, numa povoação como esta, estão habituados a receber ao sábado aquilo que no domingo gastam, sem que ao menos lhe chegue para as mais

ações desses delegados não pode deixar de ser também política e não pode haver isenção nem defender-se só as aspirações sociais e económicas dos marítimos portugueses quanto se antepõe a essas questões o interesse duma tendência política.

Se a adesão da F. M. à C. G. T. só foi efectuada por efeito do esforço das comissões dirigentes da F. M., como se alega no 6.º considerando, estas comissões cumpriram apenas o seu dever, visto que essa linha não a vontade expressa pelos organismos marítimos no seu Congresso de Leixões. E se a maioria dos sindicatos efectuaram a sua adesão, embora graças a esse esforço, esse acto significa que referendaram o que já haviam expresso naquele Congresso, pois se assim não fosse recusar-se-iam a ser confederados.

E agora quem pretende recusar-se não são os sindicatos: são delegados que se sobrepõem aos sindicatos, atentando assim contra a sua soberania, a soberania das suas assembleias gerais. O que primeiro fizeram com as mãos pretenderam depois desfazer com os pés — como é de se esperar, e não há militante algum consciencioso, sério, honesto e coerente que proceda de tal modo.

Quanto à questão dos presos e suas famílias devemos esclarecer-vos uma vez mais que a atitude da C. G. T. só foi determinada pela resolução precipitada e irresponsável da F. M. A F. M. disse: *estão suspensas as relações*. Ora esta suspensão quer dizer: *não pagaremos mais cotas*. Vós sabeis muito bem que quem não é associado não tem os direitos dos que o são. Não há direitos sem deveres, nem há deveres sem direitos. Desde que a Federação se negava a cumprir deveres, a C. G. T. só tinha que fazer aos sindicatos a observação que fez respeitante aos subsídios que os presos das classes marítimas recebiam. E como a C. G. T. logo verificou ter a Federação exorbitado, declarou continuar entregando o subsídio aos presos, visto que se a Federação tinha declarado por cima dos sindicatos não tendo em consideração a sua soberania, os presos não deveriam sofrer por tal motivo.

Dos sindicatos marítimos aderentes à Federação, já dez se pronunciaram pela C. G. T. Falta pronunciarem-se os restantes.

Esta circular só se destina a elucidar-vos para que possais deliberar com conhecimento de causa.

Pela Verdade! Pela Razão! Pela unidade de todos os organismos sindicais, fora da acção de qualquer partido político!

Eis o que deseja, nesta emergência, a C. G. T.

Sabidações Sindicalistas

Manuel da Silva CAMPOS

(Secretário Geral)

Sindicatos marítimos que se manifestaram pela C. G. T.

Até à data em que foi redigida a circular que hoje publicamos manifestaram-se pela C. G. T., os seguintes sindicatos marítimos:

S. U. dos Fogueiros de Mar e Terra, S. do Pessoal de Cámaras da Navegação de Longo Curso, S. do Pessoal dos Rebocadores e Góndolas, S. dos Maquinistas Fluviais, S. dos chapeiros — Marítimos do Porto de Lisboa, S. do Pessoal do Tráfego do Porto de Lisboa, S. dos Descarregadores de Mar e Terra da Vala do Carregado, S. dos Descarregadores de Mar e Terra de Almada, S. dos Marítimos de Sines e S. dos Marítimos de Faro.

Depois da circular redigida, tivemos conhecimento de que se haviam manifestado também pela C. G. T. os Sindicatos de Carpinteiros Navais de Olhão, Carpinteiros Navais de Portimão, e Descarregadores de Mar e Terra do Seixal.

Os Descarregadores de Mar e Terra do Seixal continuam confederados.

SEIXAL, 20. — Reuniu a Associação

DESFAZENDO UMA ATORDA

Acêrca da notícia que, com o título acima, ontem publicamos, recebemos do dr. M.ário Monteiro a carta que, integralmente, passamos a reproduzir:

«Acabo de ler na *A Batalha* que tinha sido uma novela inventada por mim a acusação que fiz a Manuel Ramos de ter recebido indevidamente, em meu nome, a quantia de 22.000\$00. Causou-me estranheza, confesso, tal atitude pois que a vários elementos sindicados que me procuraram para esse fim, fiz logo saber que não eram 22.000\$00 mas sim 10 já recebidos e mais 8 que pretendia receber. Eu tinha cobrado 12.000\$00 como preço total dos meus honorários. Acusei-o, portanto, de ter estabelecido novos honorários sem meu conhecimento e de ter recebido nova quantia. O então meu auxiliar de escritório Sr. Rodrigues Natário poderá até explicar melhor porque pediram a sua intervenção, abusando da sua boa fé e exigindo-lhe que nada me dissesse... O sr. Natário é hoje agente da 2.ª secção da polícia. Diz-se na declaração de hoje na *A Batalha* que se o preso Carreira não desmentiu a minha acusação, dando-o por lesado, foi por estar doente no hospital de Coimbra. Pois aí vai um trecho da carta que... do hospital de Coimbra o referido preso me escreveu em 13 de Junho findo:

«De posse do presado favor de V. Ex.ª de 11 do corrente que muito agradeço. Quando V. Ex.ª aqui veio entreguei-lhe 3.000\$00. Depois entreguei 9.000\$00 ao sr. Ramos para ele ir mandar o João Estafador levá-lo a V. Ex.ª.

Foram estes 9.000\$00? Se V. Ex.ª recebeu estes 9.000\$00 então levou-me o Manuel Ramos 10.000\$00. Depois de V. Ex.ª ter falado comigo, na cadeia, disse-me que o Ramos de V. Ex.ª lhe tinha mandado dizer que me não iria defender por menos de 30.000\$00 e eu com isso que eu estava a contar e em vista do dinheiro que entreguei a V. Ex.ª e do que entreguei ao Ramos (em vista dele dizer que era para mandar a V. Ex.ª) resta (julgo eu) 8.000\$00. Então eu já não sei escrever directamente aos clientes?

Outro trecho: «Eu nunca recebi correspondência alguma de V. Ex.ª a não ser esta que V. Ex.ª me escreveu no p. p. dia 11 do corrente. Eu estou admiradíssimo como o Ramos me apanhava a correspondência. Foi verdade o sr. Natário vir aqui nas o. sr. Ramos fez-me ver que ele era procurador de V. Ex.ª e que tinha vindo por mandado de V. Ex.ª.

Quem anda, afinal, a fazer novela? Seria que não somente falei fundamentado no que me escreveu o preso que só comecei a receber cartas minhas depois da ausência do Ramos, a pesar de eu lhe ter escrito bastantes?

Decidam lá isso para eu saber em que ficamos. Quanto à minha atitude sempre é mais lógica e menos censurável do que a dum preso que abusa do nome do próprio advogado que até à hora do seu embarque para a África por ele se empenhou vivamente junto dos poderes respectivos, como o poderá dizer, entre outros, o sr. dr. Raúl Gomes da Costa.

Mas sempre foi assim... e eu nunca tive a pretensão de enriquecer o mundo. «O advogado Mário Monteiro».

Devemos esclarecer que o dr. sr. Mário Monteiro esteve nesta redacção mostrando-nos umas cartas de António Carreira dizendo o contrário das que nós recebemos. As cartas que serviram de base à notícia que ontem publicamos, embora assinadas por António Carreira eram escritas por um indivíduo de nome Capela que também se encontra na mesma cadeia, presumindo nós que esse facto se desse por o Carreira não saber escrever.

Um civico enfurecido

Recebemos uma carta da mãe do civico n.º 1385, alvejado pela nossa local de ontem sob o título acima, dizendo não ter agredido Rosalina Ferreira.

Diz-nos ter ido de facto ao 2.º andar, por alguém ter escarado sobre roupa que estava à janela de sua casa, para repreender quem tal fez, agarrando-o nesse momento a Rosalina, que o insultou, e, tendo-lhe dado um empurrão para se livrar dela que puxava por ele, ela feriu-se.

Porque há já umas questões anteriores entre as famílias dos dois andares, que tornam impossível aclarar o caso, encerramos por nosso lado a questão.

A fim de a verdade não ser deturpada devemos esclarecer que foi na esquadra da Boa-Vista e na das Mercês que esteve preso o filho daquela senhora que ontem aqui dissemos ter sido agredida por aquele.

O passeio a Sintra

promovido pela Comissão Escolar da Construção Civil

E' hoje que se realiza o excelente passeio à azeitunada de Sintra promovido pela Comissão Escolar da Construção Civil.

A partida efectua-se da estação do Rossio, às 5,50 e o regresso faz-se às 10,30. A excursão é acompanhada pela Sociedade Filarmónica Verdi e pelo grupo musical «O Gravo» que durante o trajeto e no Campo dos Seteais onde se realiza o *pic-nic* executarão alguns trechos do seu repertório.

O produto desta excursão reverte, como dissemos, a favor das Escolas da Construção Civil.

A cura das doenças pelas Plantas

3.ª edição — Preço 2\$00, pelo correio 2\$50. Pedidos a administração de A BATALHA.

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

seja de \$85, deixando aos sindicatos federados o direito de continuar na C. G. T.

5.º Dar conhecimento desta moção à Federação Marítima e à C. G. T. — E.

PORTIMÃO, 22.—Reuniu anteontem a assembleia geral dos operários carpinteiros navais, que apreciaram a resolução tomada pela Federação Marítima, para com a central dos sindicatos, resolvendo manter a adesão à C. G. T. e à respectiva Federação, não reconhecendo ao conselho federal competência para resolver tal assunto. Resolveu mais requisitar expediente à C. G. T. — E.

O Asilo Maria Pia anda à matroca

Refutando a local que ontem publicamos sob este epígrafe, procurou-nos uma comissão de guardas daquele estabelecimento e dois dos funcionários visados.

Dizem-nos os guardas não ser a expressão da verdade aquela passagem que se refere ao arrombamento violento duma porta, pois o facto passou-se como simples brincadeira e sem que tivesse ocasionado qualquer subordinação entre os alunos. Os dois referidos funcionários justificam-se com as seguintes cartas:

«Sr. Director: No seu jornal de hoje, que muito aprecio, sob o título acima referido, vem determinadas informações, todas falsas, que certamente lhe foram fornecidas por criaturas mal intencionadas, que ludando a sua lealdade tão facilmente deturpam a verdade.

Se é certo que há seis meses atrás, os alunos andavam com roupa branca no corpo durante um mês, sem a mudarem, hoje nada disso aconteceu.

Muito fôgoriamos com uma visita sua a este Instituto, para poder observar o estado de calçado e alimentação; e quanto ao assalto, podemos também aqui saber como já graso neste Asilo a *matroca*, e que hoje pode dizer-se atóticamente: Não existe.

A *matroca*! A *matroca* andavam os serviços ainda há três meses atrás, visto que os empregados afastados por uma indisciplina que está correndo, ainda hoje desconhecem a existência verdadeira dos valores que estavam à sua guarda! Isto é que eram serviços bem organizados!

A *matroca*! Suponho que ninguém poderá melhor responder que o ex.º sr. juiz Sindicante ao Asilo.

Com os meus sinceros agradecimentos pela publicação desta carta no seu apreciado jornal, fico ao seu dispor. — Lisboa, 22-8-1921. Ezequiel de Almeida, (2.º) — secretário do Depósito Central da Provedoria de Assistência, em comissão gratuita de serviço no Asilo Maria Pia, desempenhando o lugar de Fiscal).

«Sr. Director: No jornal sob a digna direcção de v.º, foi publicada, hoje, uma local com o título acima, na qual se fazem várias referências cuja inexactidão não me compete demonstrar, com excepção da que directamente me diz respeito e a que constituo o último período da referida local. Diz esse período: «Também se salienta na desordem em que se encontra o Asilo o escritório interno Afonso Lemos Napoleão».

Ora, sr. Director, é costume velho dizer-se «que mais vale... bater-lhe do que errar-lhe o nome», e como o seu esclarecido informador nem sequer me sabe o nome, para evitar que outros carreguem com as culpas que só a mim pertencem, venho declarar que o escritório interno do Asilo de D. Maria Pia se chama Afonso Henriques de Lemos Lopes e é o criado de v.º que subscreve estas linhas, esperando que v.º se dignará mandar publicá-las e aguardando que esse conspícuo informador precise as suas acusações, tão vagas que não passam de insinuações, para, então, lhe responder convenientemente. — Lisboa, 22 de Agosto de 1921. Afonso Henriques de Lemos.»

Para esclarecimento: completo deste caso, convidamos a vir à nossa redacção, amanhã, pelas 11 horas, os nossos primeiros informadores.

OS QUE MORREM FUNERAIS

Faleceu na pretérita quarta-feira a menina Alice Ferreira, filha do camarada João Ferreira, operário barbeiro.

O funeral realizou-se no dia imediato para o cemitério da Ajuda.

No Forte de Monsanto

Uma rectificação

Procurou-nos Francisco Martins Ramos (e não Gomes, como por lapso referimos na local antes-ontem publicada com a epígrafe acima) pedindo-nos a seguinte rectificação:

Chama-se Ferreira, e não Rábeiro, o guarda que se salienta nos maus tratos a reclusos e que há tempos foi expulso por ter roubado uma saca de arroz, que pertencia ao rancho dos presos.

Assim é que está certo.

Novidades literárias CAVALGADA DO SONHO

TERRAS DE FOGO

— DE —

Juliano Quintinha

2.ª Edição — Escudos 8\$00

A venda em todas as livrarias. — Pedidos à secção de Livraria de A Batalha

EXCURSÃO A ALENQUER

E' hoje que o Grémio Excursionista Civil do Monte realiza a sua 27.ª excursão anual, sendo esta à vila de Alenquer.

A sua passagem por Carregado realizará um comício de saudação ao povo da localidade, e em Alenquer, onde os excursionistas deverão chegar pelas 10 horas, terá lugar ao meio dia, no Teatro-Cinema, um comício em que falarão elementos de Lisboa e da localidade, conforme ontem noticiámos.

Seguir-se-á um «pic-nic» no lugar denominado «Porteira», devendo o regresso fazer-se às 20 horas.

Acompanha os excursionistas um grupo musical.

AS 3 HORAS DA TARDE

AS 8 3/4 DA NOITE

TEL. N. 304

ÚLTIMAS EXIBIÇÕES

..... A Carta

Cine-comédia em oito partes

Filho de Rei

Fantasia em cinco partes

Uma ciné farça

Uma revista de actualidades

Na «matinée» tem entrada gratuita as crianças acompanhadas

No governo civil

Um civico que tentou assassinar um preso

Ontem, pelas 10 horas, no governo civil, quando se procedia à limpeza dos calabouços, os presos do calabouço n.º 6, ao serem libertados do calabouço, foram, como de costume, postar-se nos primeiros degraus da escada que dá acesso aos calabouços superiores, a fim de evitarem enclausurar o calçado por o saguão estar nessa ocasião bastante molhado.

Nesse momento o guarda n.º 722, da 10.ª esquadra, que ali estava de serviço, dirigiu-se ao preso. Francisco da Silva Gomes, e, sem mais preâmbulos, ameaçou-o de morte, apontando-lhe o acto contínuo a espargarda, que por felicidade estava desarmada, mas, ao verificá-lo o civico referido carregou-a imediatamente, mas nesse momento já os outros presos se tinham posto entre ele e o alvejado, salvando-o assim de ser assassinado.

Foram logo metidos no calabouço, sem que a limpeza tivesse sido ainda iniciada, sendo o Gomes levado para cima pelo 722 e pelo 833, da 1.ª esquadra, que o ameaçava com um processo sumário.

Tudo se aclarou por fim regressando o Gomes ao calabouço, não sem que o 722 rosnasse que o ficava conhecendo.

Escreve-nos Júlio da Anunciação, preso na esquadra do Caminho Novo, dizendo-nos, a propósito de o *Diário de Notícias* de ante-ontem noticiar ser ele um dos autores do atentado ao comandante da polícia, que tem sido apenas um militante das classes marítimas, nunca tendo feito a apologia da acção violenta.

Colhido por um touro

Em Aldega, realizou-se há dias, uma corrida de touros tendo na madrugada seguinte o gado recolhido às suas lezírias em Aldega do Sal, com excepção de um dos touros, que por se encontrar ferido numa perna e por isso impossibilitado de acompanhar a manada, ficou nos campos do sr. Jorge dos Santos, em Rio Tinto. Ontem de manhã, o jornalista António Dias, de 54 anos, natural de Pinhal Novo e residente naquelas propriedades, que ali se achava guardando uma porção de gado suíno, dirigia-se a casa a fim de almoçar quando lhe saiu ao caminho o animal que investi com ele, tendo-o com uma das hastas colhido no lado esquerdo do tórax, produzindo-lhe um profundo ferimento.

Acudiram ao ferido vários trabalhadores sendo-lhe ali prestados os primeiros socorros e vindo depois para Lisboa, onde foi transportado num auto da Cruz Vermelha ao Hospital de São José, em cujo Banco foi operado pelos dres. srs. Manuel de Vasconcelos, Serrão Franco e Pagnau, dando em seguida entrada em estado grave na Sala de Observações.

AGREMIações VARIAS

Grupo E. «Instrução Nova» — E' hoje que realiza a sua excursão à Quinta de Santo António, em Cordeiros, onde se realizarão diversos divertimentos, baile, certame de fados e variações à guitarra, sendo a partida às 6 e o regresso às 20 horas.

Tentativa de suicídio

Na enfermaria de Santa Isabel deu entrada Judite Mota da Costa, de 39 anos, natural de Mafra e residente na travessa das Almas, 24, 1.ª, que, na rua João de Barros, S. A., tentou suicidar-se.

Assistência infantil

Banhos às crianças da freguesia da Ajuda

A comissão constituída para dar banhos às crianças que frequentam as escolas da freguesia da Ajuda, convida as que para tal fim já tenham sido inspecionadas, nas pessoas de seus pais, mães, irmãos ou tutores, a comparecerem amanhã, pelas 7 horas na Calçada da Ajuda, 236, sede da junta, a fim de dali partirem para o local destinado para dar começo aos banhos das mesmas crianças.

As crianças devem ir munidas de um lençol ou toalha.

Francês sem mestre

por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 páginas 15\$00

Pelo correio 16\$50.

Pedidos à administração de «A Batalha»



Renovação

Revista Grafica

A 1 e 15 de cada mês

Preço ex. 1,50

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Noticias

Representa hoje, na Póvoa de Varzim, onde ainda voltará nas noites de 27 e 28, a Companhia Lucília Simões-Erício Braga, que amanhã irá dar uma recita a Matezinhos.

Reclames

Não há que hesitar na escolha do local onde se deve passar as noites: o ponto indicado é o Eden-Teatro, onde se mantém em scena a admirável e surpreendente revista-fantasia, «A cidade onde a gente se aborrece».

— Hoje, realiza-se no Coliseu dos Recreios, o último espectáculo de lutas. Para a disputa dos dois primeiros prémios luta o espanhol Ochôa contra o belga Constante Marin e para os dois segundos prémios luta o alemão Kornatz contra o seu compatriota Stolzenwald.

Queda dum terceiro andar

Na sala de observações do hospital de São José deu entrada Ana Gonçalves, de 3 anos, filha de António Pereira e de Ana Conceição Pereira, natural de Fundão e residente na rua das Janelas Verdes, 88, 3.ª, que, caiu da janela da residência à rua, ficando contusa pelo corpo e ferida na cabeça.

A 'Batalha' na provincia e arredores

Olhão

Polícia agressor

OLHÃO, 21.—Há dias veio em passeio o polícia n.º 8, que faz serviço em Faro, dando-se ao mau gosto de provocar quem não era do seu agrado.

Sem que houvesse motivos para tal, prendeu o sr. Ladeira, negociante de cereais, tendo-o conduzido brutalmente à prisão a ponto de lhe rasgar a roupa. Cobardemente, sem a menor justificativa agrediu na própria prisão o sr. Ladeira, deixando-o fortemente soado. — C.

Vítimas do ciúme

Um indivíduo é esfaqueado por outro, que tenta depois suicidar-se

Na travessa de Santa Quiteria, 64, reside uma rapariga de nome Maria, a qual ontem à noite se encontrava à porta conversando com José Augusto Gonçalves, de 22 anos, natural de Lisboa, empregado no comércio e residente na mesma travessa, patio do Batalha, 23, quando ali apareceu Manuel Dias, de 26 anos, trabalhador, natural de Ceia, morador na mesma travessa, 8, pateo, que também pretendia conquistar a Maria e por isso, mordido por ciúmes, vibrou três facadas no Gonçalves que o atiraram no braço esquerdo, e de cujos ferimentos recebeu curativo no Banco do Hospital de São José, recolhendo depois a casa.

O agressor evadiu-se ocultando-se em casa, onde, sabendo que a polícia o procurava, tentou suicidar-se. Transportado num auto da Cruz Vermelha ao Hospital de São José, depois de feita, no Banco, a lavagem do estômago, deu entrada na enfermaria de São Sebastião, onde ficou sob prisão.

Sociedades de recreio

Sociedade F. dos Calceiteiros Municipais — Realiza hoje, às 14 horas, uma matinee dançante, e às 20 horas, baile.

Sociedade R. O. «A Portugal» — Realiza hoje um «pic-nic» na Quinta dos Britos (à Estrada de Sacavém), partindo-se da sede às 8 horas. Durante o «pic-nic» realizar-se-ão corridas e um cortejo, acompanhado pela banda e baile.

Concentração M. 24 de Agosto. — Hoje, às 21 horas, baile a dueto.

Coliseu dos Recreios

ULTIMA SESSÃO DE LUTA ULTIMA DEDICADA À COLÓNIA ESPANHOLA DE LISBOA

Os melhores e mais emocionantes combates da temporada

2 AUTÉNTICAS LUTAS DE LEBES 2 OCHOA contra CONSTANT

KORNATZ contra STOLZENWALD

São emocionantíssimos os combates de luta que hoje se realizam no Coliseu dos Recreios para despedida da temporada, porque são estes os últimos que ali se efectuam e que são dedicados à colónia espanhola em Lisboa. Nos comb



Os toros, as rearas de contrato e os ganadeiros

(Tese a discutir no Congresso Rural)

Três questões se apresentaram à Comissão Administrativa, organizadora do VI Congresso, que se encontram em oposição ao espírito que anima a organização sindicalista e as aspirações de emancipação dos trabalhadores.

São elas:
a) Os toros;
b) As ceas dadas à exploração mediante o "terço", o "quarto", o "quinto" e a "meia";
c) Os ganadeiros e o povilhal.

Todas estas questões estão dentro do sistema da propriedade individual e são outros tantos factores de desenvolvimento do pior dos sentimentos: o egoísmo pessoal, que é um dos maiores embaraços à emancipação dos camponeses.

a) Os toros:
O toro pode considerar-se a porta aberta ao proprietário. O indivíduo de posse dum toro procura estendê-lo e explorá-lo o mais possível. E quando o toro não dispõe de força bastante para o fazer render em benefício próprio, socorre-se da família; quando as terras aforadas dão bastante margem para larga exploração, o foreiro contrata trabalhadores nas mesmas condições de trabalho e de salário que o proprietário.

E como não há proprietários se não houver apropriação, (roubo) do trabalho do trabalhador assalariado, o foreiro, ainda que nunca consiga ser proprietário, não deixa de impor o seu egoísmo ao que o ajuda a trabalhar as terras, sempre com a mira de poder um dia comprá-las.

Quere dizer, o que o foreiro não consegue por habilidade ou por habilidade ou por esforço próprio, poderá conseguirlo com o esforço daqueles que para ele trabalham.

Para o trabalhador assalariado o foreiro é o explorador como o proprietário.

Disto se conclue que a organização sindical dos trabalhadores rurais deve ser estranha a esta questão, que só deverá ser tratada pelos que na mesma têm interesse.

Foi a Associação dos Trabalhadores Rurais de Coruche que publicamente tratou esta questão apresentada ao Conselho Jurídico da C. G. T. e pretendendo envolver na mesma as restantes Associações de Trabalhadores Rurais do país.

Mas é dever da Comissão Administrativa informar o Congresso que aquela Associação, que é federada, já não informou a Federação nem da mesma reclamou o que quer que fosse a respeito da questão dos toros, a pesar de a ter acusado bastas vezes em jornais inimigos da organização sindicalista revolucionária.

b) As ceas dadas à exploração mediante o "terço", o "quarto", o "quinto" e a "meia".

Este uso é restrito e está também evado do vício capitalista.

Exemplo: Tal porção de terreno em charranca não é cultivada. O seu desbravamento custaria ao proprietário uma despesa que só cobriria anos depois, quando essa terra estivesse em condições de produzir com abundância. O espírito rotineiro ou o receio de perder leva-o a ter essa terra abandonada. Mas há trabalhadores que lutam com falta de trabalho e arriscam-se a tomar essa terra, preferindo alguma coisa a não conseguir nada. Tomam essa terra ao proprietário com o contrato de a cultivarem, entregando ao proprietário a terça, a quarta ou a quinta parte da cultura, e outras vezes o contrato fixa a condição de ao proprietário ser entregue metade da produção. Estes contratos têm um prazo, que noutros tempos foi mais longo, mas que ultimamente baixou para 4,3 ou dois anos.

Quando o trabalhador toma esta terra está animado da ideia de apenas procurar fazer face ao desemprego. Mas depois o egoísmo vai apossando-se dele. Então contrata por sua vez assalariados, escolhendo de entre eles os melhores profissionais a fim de tirar melhor proveito. E, como os toros, um meio de se fazerem proprietários.

Noutros tempos era isso mais fácil. Algumas herdades chegaram a ser assim negociadas e os que as tomaram são hoje proprietários, o mesmo sucedendo com os outros que tomaram menores tratos de terreno.

Só nestes últimos anos têm escassado mais estas facilidades.

Os trabalhadores contratantes acabaram por ser vencidos pela ambição. E a circunstância de procurarem os melhores trabalhadores, fazendo-lhes mais qualquer pequena percentagem, determinava a sua disputa por parte dos proprietários o que conduzia momentaneamente a uma alta de salários.

Este foi um dos motivos que levou os proprietários a consentir a cedência de terrenos de charranca por prazos menores, sem contudo, terem cessado definitivamente tais contratos.

A circunstância de não cessarem esses contratos deve-se à necessidade de alimentar o sentimento egoísta e ambicioso dos trabalhadores do campo, que, na posse momentânea e onerosa duma pequena porção de terreno, se do mesmo procuram tirar o máximo de produção nem por isso concorre com a mesma no mercado para favorecer a descida dos preços em benefício do consumidor, mas, pelo contrário, animam-se do mesmo espírito ganancioso em proveito próprio, alegando razões idênticas às dos proprietários quando os trabalhadores assalariados se lhes dirigem com alguma reclamação de melhoria ou quando nos mercados pretendem produtos mais em conta.

Esta questão está, portanto, como a dos toros, fora do âmbito em que gira a acção sindicalista dos trabalhadores organizados e só os directamente interessados a poderem defender e reclamar no sentido de os prazos voltarem a ser alargados.

c) Os ganadeiros e o povilhal.
Os ganadeiros (guardadores de gado) têm um salário muito reduzido. O proprietário do gado paga-lhes assim porque o ganadeiro é possuidor dum certo número de cabeças de gado—é chamado "povilhal"—de que o ganadeiro tira algum rendimento.

Por este meio o ganadeiro é simultaneamente assalariado e proprietário.

Porque se usa este costume? Porque o proprietário não achou melhor meio de ver o seu gado guardado e bem tratado, senão permitindo que o ganadeiro tivesse o seu "povilhal" a pastar nos seus terrenos junto ao seu gado. É que deste modo o ga-

nadeiro, para bem guardar e melhor tratar o seu "povilhal", é forçado a proceder de igual forma com o gado do proprietário da terra de pastagem. Se tem que passar noites sem dormir, não dormirá; se chover torrencialmente ficará encharcado, mas não arreda pé, o gado não estará sem a assistência do ganadeiro.

O que há de comum entre o ganadeiro e o trabalhador assalariado é a circunstância de aquele auferir um pequeno salário, a pesar de ser um pequeno proprietário. E é assim que, quando de certas greves para fazer valer determinadas reclamações, os ganadeiros, salvo raras excepções, recusaram-se a fazer causa comum, quando é certo que também eram beneficiados nas mesmas reclamações.

Qual o motivo? Este: possuíam algum gado e não queriam desagradar aos proprietários das terras de pastagem.

Estas três questões, se não têm nada de comum com as questões do ponto de vista do salarido, estão presas, contudo, à própria vida camponesa e em certo número daqueles que nas mesmas se vêem envolvidos são vítimas, em maior ou menor grau, do regime capitalista.

Por tal motivo não é humano que fiquem privados de defesa colectiva por parte da organização sindical dos trabalhadores rurais, visto compartilharem em grande parte da sua miséria e da mesma opressão.

Do lado do grande há o pequeno foreiro; do lado dos que tomam terrenos mediante o pagamento da terça, quarta, quinta ou metade da parte da produção realizada e que vêm a tornar-se proprietários há os que, depois de limparem os terrenos e tornarem-nos capazes de cultivo permanente, são inexoravelmente postos à margem, continuando na situação de assalariados depois de enriquecerem os fazendeiros; do lado do ganadeiro que faz aumentar o número das suas cabeças de gado há aquele que já mais passa de mero guardador, sem um guarda-chuva para se abrigar nem uma manta para se agasalhar do frio cortante.

Nestas condições o VI Congresso dos Trabalhadores Rurais delibera, sem compromissos que contendam com a acção de defesa específica dos interesses dos trabalhadores assalariados, prestar uma assistência de defesa aqueles que, pelas suas precárias condições económicas vivam numa situação idêntica à dos trabalhadores assalariados, desde que essa defesa não vise a alentar a formação de novos proprietários nem a auxiliar os pequenos para que passem a ser grandes proprietários e com a condição de aqueles que estiverem naquela situação prestarem aos assalariados o seu concurso em igualdade de circunstâncias.

A Comissão Administrativa PROPAGANDA SINDICAL

Manipuladores de pão de Olhão

OLHÃO, 21.—Em assembleia geral reuniram em 16 do corrente os sócios do Sindicato dos Manipuladores de Pão, tratando de vários assuntos de interesse para a classe, tendo falado sobre o valor da organização sindical, Francisco Vasques e Gonçalo Afonso.

Devido ao adiantado da hora não pôde ser apreciada a adesão à U. S. O., ficando para o próximo dia 23 a discussão deste assunto.—C.

Rurais de Souzel

Aderiram aos congressos federal e confederal

SOUSEL, 20.—Os trabalhadores rurais desta localidade, reuniram em assembleia geral, resolvendo dar a sua adesão aos congressos federal e confederal, nomeando delegado a essas reuniões Augusto Caldeirinha.

Seguiu-se-lhe uma sessão de propaganda sindical, em que usaram da palavra Joaquim Parrula, Augusto Caldeirinha, Joaquim Romão, João Barroso e, pelos rurais de Cano, Joaquim Ramalho, que largamente se referiram à necessidade que o proletariado tem de se organizar sindicalmente para lutar contra a exploração do capitalismo.—E.

HORARIO DE TRABALHO

Numa tipografia em Cascais Um revolucionário pouco coerente

Em Cascais, na tipografia Cardim, o chefe da oficina sr. Augusto Gonçalves Coimbra, que se orgulha de possuir ideias avançadas, quiz obrigar um seu subordinado, o tipógrafo sr. José Ferreira, a fazer trabalhos extraordinários sem lhe pagar.

Como o sr. Ferreira, num legítimo direito, se recusasse a satisfazer as suas exigências, despediu-o.

E lamentável que um indivíduo que se afirma revolucionário tivesse procedido tão pouco de harmonia com os mais rudimentares princípios de justiça, pretendendo obrigar um operário a prejudicar-se e a trair uma das mais importantes conquistas operárias.

Desmente as suas afirmações de revolucionário o sr. Coimbra, quando exerce tão mesquinha represália sobre quem procedeu apenas com isenção e escudo num direito irrecusável.

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-á um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA.

"Educação Social"

Revista de pedagogia e sociologia. Dirigida pelo prof. dr. APOLEIO LIMA. Publicação mensal. Redacção e administração—Empresa Literária Fluminense, Limit.—R. dos Retiroiros, 125—LISBOA

Empregados no Comércio

A sua desorganização. — Causas. Os resultados finais

Neste momento agudo de desorganização é preciso ser claro, e sem temor romper qualquer véo de conveniência que possa ocultar, aqueles que não conhecem os bastidores dos organismos operários, as causas verdadeiras da luta que entre nós agora se trava. Nós, por nós, garantimos que nada ocultaremos, porque não tememos.

Vamos falar das nossas classes, mas desde já garantimos que o que por cá vai é perfeitamente igual, em todas as suas modalidades, ao que se passa em todas as outras; com uma simples diferença, que é isto: a massa que nas classes do comércio faz "pêso morto" de votações, não é capaz de entrar em luta pela revolução imediata, pré-gada. Não lhe falam mesmo nisso, porque ela teria fugido; não faria de "pêso morto". Ela vota para que as classes se desliguem da C. G. T., que ela considera bolchevista, mas se lhe dissessem, e ela suberzir atingir, que o seu voto contra aquela central operária vai trazar um caminho certo e curto para o bolchevismo; pois é o ingresso na verdadeira central bolchevista, a Internacional Vermelha, cuja sede é Moscú, recebendo o influxo do Partido Comunista Russo; se lhe dissessem, claramente, que com aquele voto eles se tornavam de facto bolchevistas, e iriam apoiar moralmente tudo quanto de bom e mau se tem feito na Rússia, nós bem sabemos que repudiariam o seu gesto. Mas como lhe dizem que é preciso votar contra a C. G. T., que eles, sem saber porque, odeiam; como não lhe mostram o outro lado da medalha do seu gesto, eles acompanham-nos.

E' um gesto inconsciente; é uma inconsciência produto da velhacaria dum aliado à ignorância dos outros.

Mas se nos puzermos a meditar sobre o caso para atinar com os resultados que se lhe poderiam colher, chegamos a esta conclusão:

Nas classes acostumadas a uma luta árdua com todos os elementos podem os comunistas colher, da desorganização que a procedem, uns certos frutos. Essa gente tem combatividade, é aguerrida e se enveredam pela estrada eleitoral, não perderão de todo o treino da classe.

Mas na classe comercial, sem treino, sem combatividade; acostumada somente ao ambiente morno do balcão, vivendo de sofismas, duns trocadilhos amaneirados, fugindo sempre ao combate dos mais comestíveis sócios e temendo o próprio ar, essa, meus amigos, quando souber que o seu voto contra a C. G. T. foi creditado por contra-partida à Internacional Sindicalista Vermelha, que se tornaram, sem querer, moscovitários não nos prevemos sequer a cara que eles farão, mas temos a certeza que abandonarão imediatamente quem os logrou.

E desse balasto de consciências que nós demos resulta isto: Os comunistas, por não saberem medir o seu gesto, a sua acção, produziram o nosso desmembramento como classe, e perderam um ambiente que, com aquele facto, lhes podia ser um tanto ou quanto favorável. Mas como a operação não está concluída a prova só se tirará no fim. Entretanto analisemos: Nos Escritórios alguém, particula de pêso morto que votou a desligação da C. G. T., e implicitamente a adesão ao bolchevismo, dizia que devido à Associação se aderente à C. G. T. ela se sentia impedida de trazer para ela uma dúzia ou duas de sócios; e por outro lado, dizia-nos alguém, que o acto desercionário da direcção daquele sindicato era ponto assente por um dos seus membros desde que veio ao Congresso da Covilhã. E nós não precisávamos daquela informação porque já o ouvíamos da sua boca.

Não acreditamos, porém, que meia dúzia de indivíduos que o acompanharam se deixariam voltar tão depressa contra os interesses desta classe, que eles nos afirmavam servir, que serviriam connosco com um certo carinho que já mais os usamos por em dúvida, mas de que agora descremos, porque eles são maiores e vacinados, parece que possuem ideias próprias e ainda não tiveram um gesto que nos demonstrasse que não estão enfeudados ao Partido Comunista, como o está, se já o aceitaram, o causador da luta que vimos de travar.

Notem os comunistas que nós, o autor destas linhas, é claro, estamos com eles pela Revolução e não imediatamente possível, mas repudiados e combatemos, até onde nos cheguem as nossas forças morais e físicas, toda a obra de desagregação que está procedendo, e a mentira como processo de luta que eles estão a usar.

J. Campelo

INTERESSES DE CLASSE

Empregados no Comércio de Olhão

OLHÃO, 21.—Reuniu em assembleia geral o Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria resolvendo instar novamente com a Federação para que seja efectuada, em Faro, uma conferência inter-sindical dos sindicatos da classe.

Apreciou a atitude do seu delegado ao conselho federal, João Rodrigues da Cunha, e verificando que não correspondia aos seus interesses, resolveu-se substituí-lo por Manuel de Figueiredo.

Foram irradiados de sócios Orlando António dos Santos, José João da Silva Nobre e Evaristo de Sousa Pontes, por não pagarem as suas cotas atrasadas.

Tratando-se da adesão ao Congresso Confederal, verificou-se não poder este sindicato fazer-se representar em face do "defeito" com que luta.—C.

Trabalhadores da Indústria de Conservas de Olhão

OLHÃO, 21.—Não tem esta classe sabido corresponder aos esforços que a U. S. O. tem empregado para a elevar ao nível da acção revolucionária, colocando-a a par de toda a organização local.

Nem propriamente a sua comissão administrativa tem cumprido com os seus deveres mais rudimentares para com a U. S. O. esquecendo-se ao pagamento da cotização, casas, luz e outros expedientes que lhe são adstritos.

E' lamentável tal alheamento, pois que a organização sindical e cada uma das suas partes só vivem da solidariedade entre todas.—C.

SOB A TIRANIA DA REACÇÃO

O TERROR BRANCO NA BULGÁRIA

A reacção francesa ajuda poderosamente a reacção búlgara

Na Bulgária continuam a ser fuzilados os trabalhadores que professam ideias avançadas. As sentenças de morte sucedem-se umas às outras, não por unidades como sucede na Polónia, mas por dezenas.

O cinico descaramento, sem precedentes na história, dos esbirros de Tsankoff, é devido principalmente ao imperturbável, mas cúmplice silêncio de toda a imprensa francesa.

Todos sabem como o capital pesa sobre a imprensa vendida. Ora o capital francês, os bancos franceses, os negociantes franceses, são os principais, senão os donos absolutos da vida económica da Bulgária.

Por outro lado, se na verdade existe uma opinião pública que exerce uma influência preponderante sobre a burguesia búlgara, essa opinião pública é a francesa.

As últimas proezas dos carrascos

O tribunal marcial já pronunciou a sentença sobre o caso dos operários de Varna e arredores. São condenados a serem enforcados 33 pessoas; a trabalhos forçados, 78; dois a 15 anos e nove de uns a dois anos de prisão. Por outro lado todos são condenados a uma multa de 300 a 500 mil levas cada um.

Além disso, seis camponeses foram ultimamente degolados na prisão de Samakov.

O assassinato na prisão é uma inovação inaugurada pelo regime Tsankov. Em Tirnovo mataram em sua própria casa um ex-deputado comunista, velho escritor socialista, veterano do movimento operário búlgaro. Os operários contra os quais a repressão ainda não encontrou nenhum pretexto para os matar, vivem, na rua, no escritório, em casa deles, noite e dia, sob a ameaça da "brownning" ou do punhal dos mantenedores da ordem.

Em Sliven, Chaskovo, Berkovitch, Sislov e em Sofia, equipes inteiras de operários e de camponeses foram condenados à pena capital ou a penas perpétuas. Neste momento estão passando perante o tribunal de Sliven, mais de 500 camponeses. O procurador do tzar requereu a pena de morte contra 130, a reclusão perpétua contra 100 e contra a maior parte, penas variando de 10 a 15 anos de prisão. Quinhentos membros da União agrária vão também ser julgados por se terem oposto em Setembro de 1922 a reunião de Tirnovo as forças da oposição burguesa.

Segundo a lei em vigor a maior parte de estes 500 acusados estão sujeitos à pena de morte.

O governo francês expulsou os comunistas búlgaros

PARIS, 22.—O ministro do Interior ordenou a expulsão dos comunistas búlgaros.

No Seine-et-Oise foram detidos 22 comunistas georgianos, à saída duma reunião.

Mais 22 prisões em Paris

PARIS, 22.—A polícia passou uma minuciosa busca a uma livraria, onde supunha ser o quartel-general dos comunistas.

Numerosos documentos secretos foram apreendidos, demonstrando existir estreita ligação com os comunistas búlgaros que cometeram o atentado de há dias. Foram efectuadas 22 prisões.

II Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal

Está em distribuição o número de O Gráfico, órgão corporativo da Federação do Livro e do Jornal, que insere as seguintes teses que vão ser apreciadas neste Congresso: Sindicato da Indústria Gráfica, Estatutos da Federação do Livro e do Jornal e Manutenção e ampliação das regalias conquistadas.

A comissão organizadora que tem continuado a reunir com regularidade, está ultimando a apreciação dos restantes trabalhos para serem publicados num outro número do Gráfico, que deverá sair dentro em breve.

Além das adesões já publicadas, acaba a comissão de receber a adesão da Associação de Classe dos Distribuidores de Jornais do Porto.

—A comissão organizadora reúne na próxima terça-feira pelas 18 horas.

Secção Telegráfica C. G. T.

Sindicato da Construção Naval de Portimão. — O expediente segue amanhã, sem falta.

Federações

U. S. O. de OLHÃO

Alberto da Silva—Precisamos que venha a este organismo com brevidade.

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 4\$500.

Encadernação (por capas e índice), 20\$000.

Capas e índice em separado, 15\$000.

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

Desastres ferroviários

Mais uma vez se reclama o esclarecimento da culpa do Aljustrel

Do Sindicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste recebemos com o pedido de publicação a seguinte nota:

«São decorridos já três e meio longos anos, desde o dia em que praticaram o grande crime do descarrilamento do comboio n.º 6 do Algarve, ao quilómetro 185, entre as estações de Figueirinhas e Aljustrel, sem que até hoje as autoridades tenham ligado ao importante assunto aquela atenção que tão repugnante crime lhes devia merecer.

Também os ministros do Interior e Justiça, que têm sobrado tais pastas no decorrer dos três anos, parece desconhecem a existência do citado crime, a pesar deste sindicato constantemente na imprensa, assembleias, comícios, etc., reclamar o prosseguimento das investigações judiciais e a punição dos criminosos.

Para o facto também já temos chamando a atenção dos directores da Polícia de investigação criminal e de segurança do Estado, não conseguindo este organismo fazer ecoar a sua voz junto das supracitadas entidades, no sentido de bastante luz se fazer em volta de tão miserável crime.

Em consequência do silêncio mantido pelas autoridades, este sindicato vai editar, em Outubro próximo, um livro com a documentação existente em seu poder, a fim de dar grande tribunal da opinião pública pelo de apreciar e julgar com perfeito conhecimento de causa.

Se o processo transitar para o poder judicial, será representante dos ferroviários, o dr. sr. Ramada Curto.—O secretário geral, Alfredo Carvalho.

Continua injustamente preso, em virtude do descarrilamento de Belém, o praticante João Gomes Serra

Em consequência da notícia publicada há dias nos jornais e por ter vindo até nós alguém que se interessa pela sorte do infeliz João Gomes Serra, que se encontra detido no Limoeiro, desde 27 de agosto de 1924, em virtude de ter sido designado como suposto autor do desastre ocorrido em Belém no dia 19 do mesmo mês e ano, dirigiu-se uma comissão de ferroviários da C. P., dimanada do respectivo sindicato, à cadeia do Limoeiro onde falou com o atilado, sendo informada na secretaria da mesma cadeia que o processo se encontra no 4.º Juízo de Investigação Criminal, escrivão Fonseca, sendo voz corrente no Limoeiro que o referido preso está ali esquecido.

Dirigindo-se a comissão à Boa Hora, foi ali informada por um empregado do cartório em referência que o citado processo está dependente duns exames médicos legais, sem o que não poderá ter andamento.

Como conste a comissão, que está empenhada em aclarar a situação do infeliz João Gomes Serra, ser este mandado prender pelo ministro do Comércio de então, pedirá brevemente uma entrevista ao actual ministro do Comércio para tratar desta questão e em seguida entrevistar-se-á também com o ministro da Justiça a fim de tentar remover as dificuldades apresentadas e possivelmente libertar o praticante, cuja prisão é duma injustiça flagrante.—O Sindicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro da C. P.

SOLIDARIEDADE

A favor de Alberto Carneiro

E' hoje que, no Salão de Festas da Construção Civil se realiza, às 21 horas, o espectáculo a favor de Alberto Carneiro, que estava marcado para o dia 2 do corrente.

Representar-se há a peça militar, em 4 actos, «Uma causa célebre», na qual tomam parte Alice Prista, Isabel Lopes, Branca Lopes, Elvira Valença, Maria Moreira, Alcine de Sousa, José Joaquim, José Tavares, António Joaquim, José Lopes, Pereira de Sousa, Joaquim de Sousa e David Baptista.

Seguir-se há um acto de variedades, preenchendo os intervalos o Grupo Musical «O Cravo».

ESPERTEZAS dum construtor

Ao lado da sua residência, na Travessa André Valente, 7, está o advogado dr. sr. José de Arruela construindo um barraco de tijolo, que se não recomenda muito pelas condições de segurança, pois tem os tabiques assentes no solo, sem caboucos, os pilares a uma profundidade insignificante.

Acontece assim, porque esse senhor, que manda os operários trabalhar o mais possível com promessas de gratificação, lhes não dá depois gratificação alguma, não lhes pagando sequer a dobrar, como manda a lei, as horas extraordinárias.

Ainda ontem foram despedidos nove pedreiros, cinco carpinteiros e um servente, a quem foram feitas tais promessas e que depois as não viram cumpridas, não tendo dado tempo sequer aos carpinteiros para afixar as ferramentas como é da praxe.

Aqui fica o aviso para os que para ali forem trabalhar não se fiarem nas cantigas de tal espertalhão.

ACABA DE SAIR

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogo escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1\$000.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkonof. Preço \$50

Vida Sindical

C. G. T.

Conselho Confederal

Reúne amanhã, pelas 20,30 horas.

COMUNICAÇÕES

Federação do Livro e do Jornal.—Reuniu anteontem com representação dos seguintes organismos: Conselho Inter-Federal, Compositores Tipográficos, Impressores, Encadernadores e Anexos, Litógrafos, Papeleiros de Tomar e da Abelheira. Do expediente constava um officio do Sindicato dos Profissionais da Imprensa, sobre assunto financeiro, e da Liga das Artes Gráficas de Santarém, a qual nomeia delegados a este conselho, Manuel Ramos e António Gonçalves.

Na ordem dos trabalhos o delegado dos Litógrafos, Jaime Tiago, diz que, na última assembleia geral do seu sindicato, foi incumbido de saber as razões que levaram os delegados desta Federação ao Conselho Confederal a regeitarem todas as moções apresentadas na reunião de 27-4-25, no mesmo conselho, e envia para a mesa uma moção, concluindo: «que de futuro quando se levantem assuntos iguais aos que originaram este debate, tenham em atenção a directriz demarcada pelos Congressos Nacionais».

Depois de sobre ela falarem vários delegados e o ex-secretário da Federação, António Monteiro, foi aprovada por 6 votos contra 1, uma moção do delegado dos compositores, com as seguintes conclusões:

«1.º—Continuar a apoiar a declaração de Delfim de Sousa Pinheiro e Carlos José de Sousa, aprovada em 7 do corrente mês.

«2.º—Aceitar como de bom senso a declaração de voto dos delegados António Monteiro e Carlos José de Sousa, na reunião do Conselho Confederal, em 27 de Abril de 1925.»

Compositores Tipográficos.—Reuniu a direcção a qual entre outros assuntos tratou de que a organização de trabalho fosse aceita pela direcção do jornal O Imparcial, o que conseguiu, faltando apenas evitar que continuem a haver-lhe vários colegas a acumular pois que trabalham de noite no jornal As Novidades, onde já houve uma reunião, para que optassem por uma das casas. Esta direcção vai tratar também deste assunto pois que se encontram colegas desempregados.

«O movimento associativo era no dia 1 do corrente o seguinte: 536 sócios, estando no goso dos seus direitos 445 e 91 em atraso mais de 9 cotas. A direcção vai iniciar a estes colegas, para ver se este atraso é da responsabilidade do cobrador.